

Bracher constata a boa vontade da Casa Branca nas negociações

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — O Consultor Especial para Assuntos da Dívida Externa, Fernão Bracher, passou ontem o dia todo na capital americana buscando uma ajuda do governo americano para diminuir os atritos nas negociações com os credores privados do País. Houve, segundo ambas as partes, um avanço: a Casa Branca demonstrou tanto disposição como empenho em apoiar o Brasil. Mas, ao mesmo tempo, Bracher voltou a ouvir uma advertência: dois altos representantes da administração Reagan lhe disseram que é importante que o Brasil pague — até a próxima segunda-feira — pelo menos uma parte simbólica dos juros devidos este ano, para que não haja sobressaltos na negociação.

O primeiro a dar esse recado foi o Subsecretário do Tesouro, David Mulford, de manhã, em sua segunda reunião com Fernão Bracher nos últimos seis dias. Logo depois, ele foi repetido pelo Presidente do Federal Reserve Board (o Banco Central americano), Alan Greenspan. Cada um desses encontros, com a participação do Embaixador do Brasil nos EUA, Marcílio Marques Moreira, durou uma hora. À tarde, Bracher voltou sozinho ao Federal Reserve “para uma conversa mais técnica” — como disse — que durou quase três horas.

— Estamos tentando montar e estudar as possíveis estratégias para encaminhar as negociações o mais rapidamente possível — disse Bracher ao sair do Federal Reserve.

Ele disse às autoridades americanas que o Brasil continua disposto a

pagar uma parte dos juros se houver uma concessão por parte dos bancos. A preocupação brasileira é a de caracterizar uma simetria na negociação: ambas as partes têm de ceder algo, na mesma proporção.

Se não pagar nada do que deve até segunda-feira, o Brasil poderá ser rebaixado numa tabela que define a cotização dos credores. Um organismo oficial dos EUA, que controla o sistema financeiro, vai se reunir naquele dia para examinar vários assuntos. E o primeiro da pauta é a moratória brasileira: por lei, quando uma moratória ultrapassa os seis meses, essa entidade é obrigada a classificar o devedor como mau pagador — complicando a liberação de novos créditos. Os bancos, nesse caso, teriam de declarar 10% dessa dívida como perdas — mas, ao mesmo tempo, lhes é permitido abater esse prejuízo no seu imposto de renda.

Tanto Fernão Bracher quanto os americanos negaram-se a revelar detalhes de suas conversas. Os dois lados, porém, coincidiram em que os Estados Unidos estão dispostos a colaborar com o Brasil na negociação “de uma maneira objetiva” — conforme disseram ao GLOBO fontes de ambas as partes. O diálogo com os banqueiros, segundo Bracher, é complicado pelo fato de haver um grande número de credores. Isso vem dificultando os entendimentos. Mas, em sua opinião, já se pode verificar algum progresso nas conversas com os banqueiros:

— Já começamos a discutir a questão das linhas de crédito de curto prazo, e estabelecemos dois grupos de trabalho: um está tratando das coisas de curto prazo e o outro dos temas mais fundamentais.